



CCB

27 FEV 26

CICLO SEXTA MAIOR

***AS CANÇÕES DE D. DINIS,
O REI TROVADOR
NA ROTA DO PEREGRINO***

**ARTES
PERFORMATIVAS**

Temporada 2025/2026

Centro Cultural de Belém
Sala Luís de Freitas Branco
sexta-feira, 20h00
+6
Duração aproximada: 60 min

CICLO SEXTA MAIOR

AS CANÇÕES DE D. DINIS, O REI TROVADOR

NA ROTA DO PEREGRINO

PROGRAMA

I

Afonso X (1221–1284)

Instrumental: *A Madre* (CSM 343) / *Loemos muit' a Virgen* (CSM 370)

El Escorial Ms. J.b.2, fols. 307r, 333r

Dom Dinis (1261–1325)

A tal estado (Cantiga 2) Arquivo Nacional da Torre do Tombo

— Pergaminho Sharrer, fol. 1r

Que muy gran prazer (Cantiga 4) Arquivo Nacional da Torre do Tombo

— Pergaminho Sharrer, fol. 1r

II

Afonso X

Instrumental: *Non deve* (CSM 50) / *Toda saúde* (CSM 54) /

Muito punna (CSM 87)

El Escorial Ms. J.b.2, fols. 71v, 74v, 101r

Dom Dinis

O que vos nunca (Cantiga 3) Arquivo Nacional da Torre do Tombo

— Pergaminho Sharrer, fol. 1

Non sei como (Cantiga 6) Arquivo Nacional da Torre do Tombo

— Pergaminho Sharrer, fol. 1v

Afonso X

Instrumental: *Eno nome* (CSM 70) / *Dereit' é* (CSM 116) /

Com' en (CSM 335)

El Escorial Ms. J.b.2, fols. 89r, 122v, 299v

III

Afonso X

Instrumental: *Los sete does* (CSM 418) / *A Madre do que livrou* (CSM 4) / *Santa Maria amar* (CSM 7)

El Escorial Ms. J.b.2, fols. 7v, 31v, 36v

IV

Dom Dinis

Pois que vos Deus (Cantiga 1) Arquivo Nacional da Torre do Tombo
– Pergaminho Sharrer, fol. 1r

Afonso X

Instrumental: *Quen quer que na Virgen fía* (CSM 167)

El Escorial Ms. J.b.2, fol. 160r

Dom Dinis

Senhor fremosa (Cantiga 5) Arquivo Nacional da Torre do Tombo
– Pergaminho Sharrer, fol. 1v

Na Rota do Peregrino

Direção Musical, Pandeiro, Adufe e Berimbau de Boca **Mauricio Molina**

Direção, Flauta Travessa e Sinos Pitagóricos **Daniela Tomaz**

Mezzo-soprano **Joana Godinho**

Mezzo-soprano e Harpa Medieval **Maria Bayley**

Tenor **Thiago Vaz**

Vielle **Anja Kolaric**

Cítola **Enrique Pastor**

Órgão Potativo **Carme Mampel**

NOTAS DE PROGRAMA

Um fragmento de cancioneiro trovadoresco, escrito c. 1300, contendo sete *cantigas d'amor* do rei Dom Dinis, foi descoberto, em 1990, pelo investigador americano Harvey Sharrer, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa. A análise dessa música revela, apesar das lacunas no manuscrito, um compositor de tipo tradicional, muito ligado à oralidade, mas também subtil no tratamento do pormenor. Longe de evidenciar a influência do canto eclesiástico, parece bem enraizado nas tradições trovadorescas europeias, com uma tendência invulgar para a ornamentação melódica. A música flutua de acordo com uma pulsação regular que abarca uma ou duas posições silábicas. Comparado com as *cantigas d'amigo* de Martin Codax, o estilo musical é muito diferente, emocionalmente mais neutro e notoriamente mais solene, mas também formalmente mais variado, o que se pode atribuir tanto ao carácter mais aristocrático do género *cantiga d'amor*, como ao elevado estatuto social de Dom Dinis. A notação musical das suas cantigas (que se pode atribuir a raros copistas musicais e não ao rei) é, no contexto dos cancioneiros profanos europeus, invulgarmente moderna, embora então já existissem técnicas de notação mais sofisticadas, inventadas para a polifonia erudita desenvolvida no ambiente universitário de Paris.

Uma das curiosidades (e dificuldades interpretativas) das melodias do Pergaminho Sharrer é o número anormalmente elevado de notas por sílaba — três notas, em média. Na tradição provençal e francesa, a maioria das sílabas é cantada com uma só nota. Este carácter florido, ou melismático, das cantigas de Dom Dinis poderá relacionar-se com uma hipotética tradição tardia em que as notas correspondentes a cada sílaba seriam amplificadas com «floreios» vocais. No ambiente trovadoresco francês, estes «floreios» não teriam precisado de ser escritos na pauta. Será possivelmente dessa tradição que fala o tratadista Johannes de Grocheio no tratado *De Musica* (c. 1300), quando nos diz: «o *cantus coronatus* tem sido chamado por alguns de *conductus* simples; a bondade da sua poesia e da sua música leva os mestres e estudantes [da arte trovadoresca] a coroá-lo à volta dos tons, como nos franceses *Ausi com l'unicorn* ou *Quant li roussignol*. Costuma ser composto por reis e nobres e é cantado na presença de reis e senhores da terra de modo a comover os seus ânimos no sentido da audácia e da fortaleza, da magnanimidade e da liberalidade, coisas que levam, todas elas, à boa governação». Se o *cantus coronatus* era um tipo de canto lento e ornamentado, digno de reis e de nobres, tal como o descreve Grocheio, não haverá melhor ilustração desse estilo musical do que as cantigas do rei português.

DEVOLVENDO A VIDA ÀS CANTIGAS DE DOM DINIS

Uma interpretação musical historicamente informada das sete cantigas de Dom Dinis, compiladas no Pergaminho Sharrer, apresenta inúmeros desafios. Para começar, o fólio fragmentário, bem como o seu material escrito, estão repletos de grandes cortes e buracos que carecem de preenchimento para que as peças possam ser estudadas e apresentadas na íntegra. Este trabalho requer comparação com outros repertórios semelhantes, conhecimento das técnicas de composição e improvisação do período e uma boa dose de conjectura – obviamente dentro de limites históricos. Além disso, a notação musical não é completamente clara ou precisa (pelo menos em termos modernos) no que diz respeito ao ritmo. Felizmente, o profundo trabalho de investigação e reconstrução deste repertório empreendido pelo musicólogo português Manuel Pedro Ferreira propõe soluções importantes para estes problemas, abrindo, assim, a porta a uma recuperação integral destas peças. Para o programa de hoje, utilizámos parcialmente este estudo em conjunto com a nossa leitura dos fragmentos musicais, comparação com outros repertórios semelhantes e experiência na interpretação tanto de música medieval ibérica como de monodia medieval pan-europeia.

A interpretação rítmica da notação foi um dos passos mais complexos. Na maioria dos casos, seguimos a orientação de outras notações do período que indicam valores rítmicos específicos – e não específicos – para tentar revelar o significado dos símbolos musicais. O resultado foi variado, apresentando configurações que vão desde padrões rítmicos recorrentes a ritmos irregulares. Aqui, optámos por dar a algumas peças um carácter quase dançante e a outras uma expressão muito mais lírica e retórica – sempre seguindo teorias musicológicas sobre o ritmo em relação aos estilos musicais medievais, a expressão do texto e a nossa intuição musical.

A maioria destas canções apresenta versos em que cada sílaba é ornamentada com pequenos gestos melódicos compostos por várias notas (de três a oito tons no total). Embora isso exija grande flexibilidade e técnica vocal do cantor moderno, a sua rica figuração melódica enquadra-se no âmbito dos repertórios medievais, como o canto gregoriano, a polifonia de Notre Dame (*organum*) e a canção clerical parisiense em latim. Existem também precedentes do uso de longos melismas em composições de trovadores como Gace Brulé e Guiraut Riquier (que trabalhou para a corte de Afonso X, avô de Dom Dinis). Este último tipo de canção melismática de tema lírico pode ter servido como fonte de inspiração direta para o nosso

rei trovador. Em termos práticos, embora os melismas embelezem as peças e lhes confirmem «cores retóricas» de caráter melódico, também tendem a obscurecer o texto ao fragmentar e a tornar mais lenta a sua recitação. A questão é, então: como interpretar estas composições para que o texto flua de forma orgânica e expressiva? Para responder a este ponto, é importante ter em conta que uma canção não é apenas um texto apoiado por uma melodia, mas uma interação complexa entre discursos poéticos e musicais. Assim, é fundamental procurar intencionalidade dentro dessa interação, tendo em conta tanto a possível relação quanto o contraponto. Enquanto o texto pode exigir preferência em certos momentos da composição, noutros, é a melodia que pode determinar regularidade, tensão, apoio e fluidez. Esses parâmetros ajudaram-nos a tomar decisões sobre como frasar cada linha das canções do programa.

No que diz respeito ao canto, seguimos as recomendações dos escritores medievais sobre a importância de uma produção vocal clara, com projeção, flexibilidade e destreza. Esses autores também prescrevem uma boa articulação e expressão das palavras, bem como a adesão do canto à construção e identidade da melodia (precisão, afinação e hierarquia de intervalos e gestos melódicos). Tudo isto sem esquecer a importância da eloquência e a necessidade de projetar a mensagem da canção. Finalmente, para a pronúncia histórica do texto, fator muito importante para a sua identidade e musicalidade, baseámo-nos em numerosos estudos filológicos para reconstruir um galego-português «cortesão» semelhante ao que Dom Dinis pode ter falado. O resultado é uma língua que pode soar mais próxima do galego do que do português padrão moderno.

O último componente a ser reconstruído é o do possível uso de instrumentos musicais, tanto para acompanhar as canções, como para colocar o programa de hoje dentro de um contexto sonoro apropriado. No final do século passado, argumentou-se com veemência que as canções líricas dos trovadores e trovadores eram interpretadas inteiramente *a cappella*. No entanto, tratados musicais e poéticos medievais franceses, letras de canções e uma boa quantidade de fontes iconográficas, sugerem o uso de instrumentos musicais para acompanhar peças vocais. O instrumento por excelência era a *viella* (instrumento de cordas friccionadas) que, segundo nos informa um tratadista francês do final do século XIII (Johannes de Grocheio), era utilizada para interpretar todo o tipo de repertório, sendo que os grandes tocadores tocavam prelúdios e poslúdios para enquadrar e embelezar as composições. Outro instrumento associado ao canto era a cítola (instrumento de cordas dedilhadas), que é mencionada em relação ao acompanhamento

de canções e danças na poesia francesa e galego-portuguesa. Em representações visuais e fontes poéticas pan-europeias, a harpa também é associada ao acompanhamento de canções líricas e os pandeiros redondos e quadrados (adufes) ao acompanhamento de canções de dança.

Uma importante fonte de informação relacionada com o nosso repertório é o *Cancionero de Ajuda* (copiado entre 1290 e 1330), um manuscrito que contém cantigas de amor de autores galego-portugueses (texto sem música), acompanhadas por iluminuras de músicos que cantam e tocam alguns dos instrumentos já mencionados perante uma personagem aristocrática. É evidente que toda a informação acima descrita é fragmentária, o que nos impede de garantir que as cantigas de Dom Dinis fossem realmente cantadas com acompanhamento instrumental. No entanto, no nosso programa apresentamos esta possibilidade como um ensaio musicológico e interpretativo, atendendo aos parâmetros históricos sobre a reconstrução dos instrumentos, as suas afinações e técnicas de interpretação (baseadas em descrições literárias, representações artísticas, etnoarqueologia e arqueologia experimental). A nível técnico, as propostas de acompanhamento instrumental baseiam-se em convenções teóricas e práticas do período: uso de pedais (notas sustentadas), criação de intervalos de acompanhamento através de tetracordes e pentacordes e paralelismo melódico, entre outras técnicas.

As peças instrumentais que aparecem no programa provêm de arranjos de peças vocais do repertório das Cantigas de Santa María de Afonso X (no seu códice também aparecem representados os outros instrumentos que utilizamos no programa: a flauta transversal, o órgão portativo e os sinos). Estas peças, próximas em espaço e tempo de Dom Dinis, ajudam a situar as suas canções no contexto musical das cortes ibéricas contemporâneas.

Assim, a interpretação das peças de Dom Dinis que ouvirão neste programa foi reconstruída da mesma forma que um arqueólogo reconstrói um vaso antigo do qual apenas sobrevivem fragmentos. Todos os elementos mencionados anteriormente foram cuidadosamente reunidos, seguindo informações históricas combinadas com intuição musical e anos de experiência na reconstrução de repertórios de canções medievais. Com todo este trabalho árduo e apaixonado, esperamos que o resultado seja uma recuperação que faça justiça ao contexto histórico, sonoridade, arte, retórica e expressão das canções de Dom Dinis.

Dr. Mauricio Molina



© Franco Sanguinetti Valargada

Na Rota do Peregrino

Um projeto artístico pioneiro em Portugal que procura impulsionar o tecido artístico musical da Ibéria, através da reconstrução musical do seu repertório medieval, em latim e galego-português. Tem como objetivo a dinamização do património intangível constituído pelas fontes musicais e do património românico, como a Igreja Românica de Ponte de Lima, Igreja de Santa Eulália de Arnosó, Igreja de S. Pedro de Rates, Igreja de S. Martinho de Cedofeita, no Porto, e Igreja de Santiago, em Palmela. Desde a sua formação em 2017, o ensemble trabalha anualmente em residência artística de criação

em parceria com o Município de Ponte de Lima e Teatro Diogo Bernardes, integrado nos Encontros de Música Medieval «Caminho Português de Santiago», com apoio continuado da Direção Regional de Cultura do Norte, de 2018 a 2023, e Direção-Geral das Artes, desde 2024. Em 2018/2019, recebeu apoio da Fundação GDA e, em 2019, estabeleceu uma parceria com a Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto. De 2017 a 2024, trabalhou com músicos como Lucía Martín, Eunice d'Águar (soprano), Virginia Gonzalo e Abigail Horro (soprano e harpa), Carlos Meireles, José Carlos Mateus, Thiago Vaz Cruvinel (tenor), Isabella

Shaw (mezzosoprano e harpa), Yenisey Gomez, Jasmina Črnčič, Joana Godinho e Mariana Fabião (mezzosoprano), Maria de Mingo, Enrique Pastor e Gustav Olai (cítola), Raúl Lacilla Crespo (gaita medieval, flauta e frestel), Jakub Michl, Anja Kolarič, Esin Alves Pereira, Juliette Primrose, Filipa Meneses e Alejandro Peralta (fídula/vielle), Ana Villamayor (harpa) e Josafat Larios (percussão), oriundos de Portugal, Brasil, Colômbia, Cuba, Eslovénia, Espanha, EUA, México, Reino Unido, República Checa e Suécia.

Em 2024, Na Rota do Peregrino lançou o seu primeiro trabalho discográfico, *O cortês e o divino nas Cantigas de Santa María*, fruto da residência artística realizada na Ermida de Nossa Senhora de Guadalupe, Vila do Bispo, com gravação pelo MPMP Património Musical Vivo/Codax e em colaboração com a Direção Regional de Cultura do Algarve.

Nesse mesmo ano, foi distinguido como European Festival Emerging Artist, apresentando-se no FeMAP – Festival de Música Antiga dels Pirineus, apoiado pelo European Festivals Fund for Emerging Artists – EFFEFA, uma iniciativa da European Festivals Association (EFA), cofinanciada pela União Europeia e Encontros Med Monsanto (Idanha-a-Nova). Estreou programas como *O Peregrino Medieval* (2017), *Na Rota das Cantigas de Santa Maria de Portugal* (2018), *Ludus Danielis I Parte* (2019), *Judicii signum:*

Profecias, canções e danças do Natal medieval (2020), *Trovadores e Peregrinos: Canções e Danças nas Cortes Medievais Galaico-Portuguesas* (2021), *Trovadores e Menestréis nas Cantigas de Santa María* (2022), *Pero cantigas de loor fiz: Lirismo e misticismo nas canções de Alfonso X* (2023), *Rotas de peregrinação: uma viagem a Roma, Montserrat e Compostela* (2024). Em dezembro de 2025, estreou *As Canções de D. Dinis, o Rei Trovador*, em Ponte de Lima, programa hoje apresentado no Centro Cultural de Belém.

Mauricio Molina

Direção Musical

Mauricio Molina é fundador, diretor e professor do Programa Universitário Especialista em Investigação e Performance de Música Medieval na Universidade de Lérida e do Curso Internacional de Performance de Música Medieval, em Besalú (MMB), Catalunha. Também ensina antropologia musical, arte medieval (cristã e islâmica) e religiões abraâmicas no Institute for American Universities – American College of the Mediterranean e no consórcio universitário americano IES Abroad Barcelona. Foi professor de Música Medieval na Universidade de Bridgeport (Connecticut, EUA); professor visitante no Centre International de Musiques Médiévales da Universidade Paul Valéry de Montpellier; e professor no Master

in Historical Performance da ESMUC (Escola Superior de Música de Catalunya) e no Master in Musicology da Universitat Autònoma de Barcelona.

Mauricio Molina é também membro do Grupo Consolidado de Investigação de Estudos Medievais da Universidade de Lérida; do grupo de investigação Música y Mujeres: Estudios de Género (Sociedade Espanhola de Musicologia); e consultor de musicologia para o projeto loculator seu mimus (Conselho Europeu de Investigação - Universidade de Barcelona).

Mauricio é autor de vários artigos científicos sobre música medieval, performance histórica, organologia,

iconografia musical e estudos de género. Em 2010, publicou *Frame Drum in the Medieval Iberian Peninsula* (Reichenberger), um livro que recebeu o Prémio Nicholas Besseraboff da American Musical Instrument Society como a obra de organologia mais distinta de 2010.

Os seus próximos livros *Monodic Song in the Medieval West (850-1200)* e *Medieval Song and its Performance* serão publicados pelas edições Dairea (2022) e Routledge.

Molina é também diretor dos conjuntos musicais medievais *Magister Petrus* e *Ars memoriae*, e diretor musical de *Na Rota do Peregrino*.

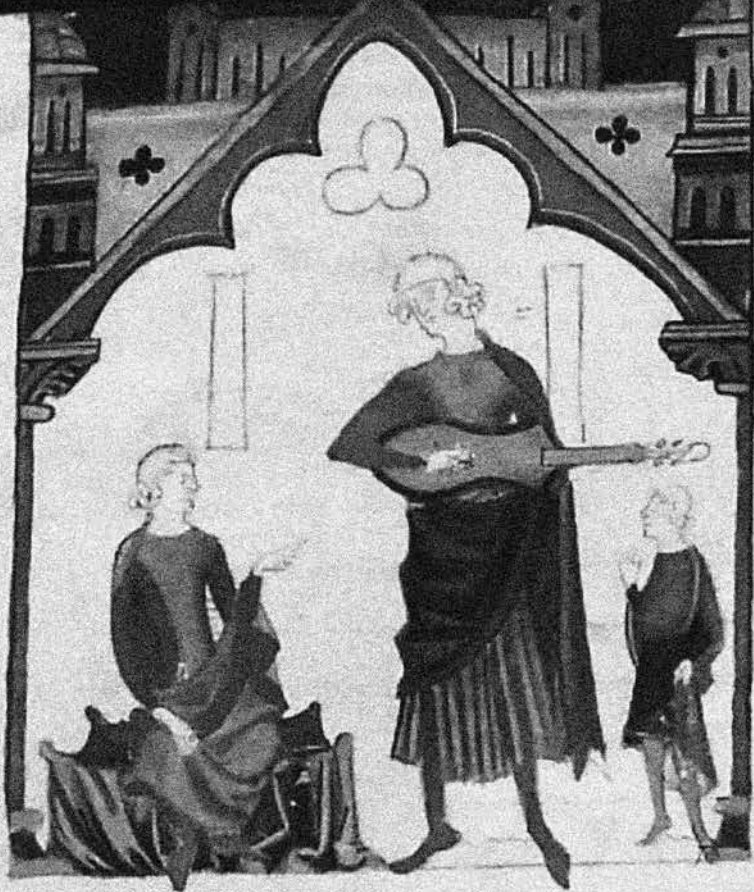


SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB

GARANTA O SEU LUGAR NA PRIMEIRA FILA

ccb.pt/newsletter





n graue dia fen

nor que mis m.

CICLO NOTAS DE MÚSICA

O REI D. DINIS E A MÚSICA

Manuel Pedro Ferreira

O rei D. Dinis não só fundou a Universidade em Lisboa, como aí instituiu, em 1323, a cadeira de Música, de cujo carácter académico se dará conta. A relevância do rei para a atividade musical tem que ver, não obstante, com o seu papel na tradição lírica trovadoresca em galego-português, enquanto mecenas e criador. Entre as suas muitas cantigas, sete chegaram-nos com notação musical no chamado Pergaminho Sharrer, descoberto em 1990 na Torre do Tombo. Este documento revela-nos uma faceta da sua arte que os textos poéticos, conhecidos desde o século XIX, não deixavam adivinhar.

Nesta conferência, abundantemente ilustrada com materiais audiovisuais, serão abordados diferentes exemplos da arte da variação musical numa panorâmica histórica entre o século XVI e a atualidade.

Esta conferência realiza-se no âmbito do concerto **As Canções de D. Dinis, o Rei Trovador**, com **Na Rota do Peregrino**, no dia 27 de fevereiro, às 20h, na Sala Luís de Freitas Branco.

O El Corte Inglés apoia o Programa de Mediação de Música Erudita do CCB.

El Corte Inglés



© DR

Manuel Pedro Ferreira

Manuel Pedro Ferreira doutorou-se em Musicologia na Universidade de Princeton (1997). Professor Catedrático na Universidade Nova de Lisboa, dirigiu, também, entre 2005 e 2023, o Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM). Foi membro da direção da Sociedade Internacional de Musicologia (2012-2022) e integra, desde 2010, a Academia Europaea.

Tem-se dedicado, sobretudo, ao ensino e à investigação da música medieval, sem descurar a interpretação musical (fundou, em 1995, o grupo Vozes Alfonsinas, com o qual gravou oito CD). Publicou mais de 200 trabalhos científicos em livros e revistas e dirigiu vários projetos de investigação.

Escreveu ou coordenou mais de 20 livros. Tem-se também dedicado à composição, à poesia e à crítica musical.

Entrada gratuita Free admission

MAC/CCB

Museu de Arte Contemporânea MAC/CCB e Centro de Arquitetura
MAC/CCB Museum of Contemporary Art and Architecture Centre

30% desconto 30% discount

Espetáculos CCB CCB Performing Arts

Estacionamento Gratuito Free parking

Em visitas ao museu, espetáculos ou compras superiores a 20€

For museum visits, performances, or purchases over €20

Convite para um espetáculo Invitation to a performance

Inaugurações, Eventos e Visitas Exclusivas às Exposições

Exclusive Openings, Events and Visits to Exhibitions

Desconto Discount

Lojas e Restaurantes CCB

CCB Stores and Restaurants

Newsletters exclusivas

Exclusive Newsletters



Cartão CCB

Descubra as vantagens em ccb.pt/cartao

Discover the advantages at ccb.pt/cartao

CCB

27 FEV 26

CICLO NOTAS DE MÚSICA

O REI D. DINIS E A MÚSICA
MANUEL PEDRO FERREIRA

**ARTES
PERFORMATIVAS**